

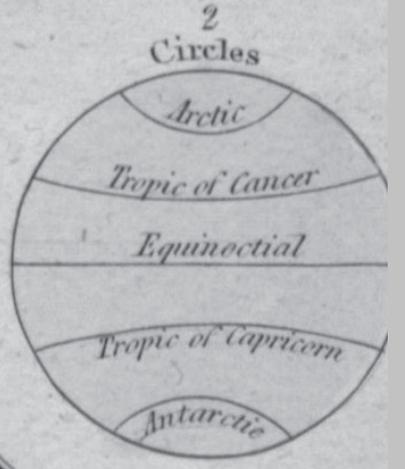
WORLD

the principal Lakes of the Western Continent.



Lakes of the Western Continent.

EASTERN HEMISPHERE



RelevO

EDIÇÃO ESPECIAL COPA DO MUNDO, JULHO/2018, N. 13, A. 8
PERÍODICO LITERÁRIO INDEPENDENTE FEITO EM CURITIBA,
PARANÁ, DESDE SETEMBRO/2010 - ISSN 2525-2704

Published by Lincoln & Edmonds.

Meridians

EDI- TO- RIAL

*O tempo presente e o tempo passado
Estão ambos talvez presentes no tempo futuro,
E o tempo futuro contido no tempo passado.
Se todo o tempo é eternamente presente
Todo o tempo é irredimível.*

T.S. Eliot, em *Burnt Norton* (1935), trad. Ivan Junqueira

Existe um elemento fascinante sobre a Copa do Mundo. Ou melhor, existem múltiplos. Certamente este é especial — também é certamente a constatação mais obviamente estúpida. Nos referimos ao fato de que, cada vez que sobrevivemos a uma Copa do Mundo, nós... sobrevivemos a uma Copa do Mundo. Isto é, um novo repertório de lembranças passa a constituir-se em nosso hipocampo. Aliás, não temos a menor ideia do que é um hipocampo, onde ele fica e se as memórias são inquilinas de sua natureza. Trata-se de mais uma forma de segurar o mundo de acordo com preceitos supostamente científicos — derrota certa.

Este novo repertório não somente dialoga com todo o restante de nossa vida, como atua na forma de um verdadeiro marcador de páginas na linha do tempo individual. Quatro anos, afinal, compõem um período longo o suficiente para possibilitar alterações das mais diversas. De igual modo, sob outro tamanho de lupa, um mês — de Copa — é um período longo o suficiente para se destacar em

meio a outros meses menos extasiados.

Não temos memórias seletas dos minutos na fila da lotérica ou do dia em que saímos sem carregar um guarda-chuva. Sabemos exatamente onde estávamos e com quem testemunhamos Ronaldinho Gaúcho encobrir o goleiro inglês, Zidane esfolar nosso conterrâneos e David Luiz passar vergonha. Podemos caminhar recursivamente neste passado eternamente imóvel.

Com a presente edição, somos, de fato, apenas um panfleto do próprio tempo — o comunicado entregue na portaria; a propaganda empurrada ao transeunte no semáforo; o santinho político acumulado na lixeira; a pilha no balcão do supermercado; a água pingando na vasilha do mundo. Nós a fazemos porque a fazemos, seguindo a mesma lógica circular que permite a Copa do Mundo ser, afinal, a *Copa do Mundo*.

Não sabemos o que será de Mbappé, muito menos se as portas abertas ao **RelevO** o levarão a um roseiral. Diante da insignificância de apenas estar, Voltaire enfatizava que deixaremos o mundo tão tolo e tão malvado como o encontramos ao chegar nele. Ínterim, fizemos um jornal e um apanhado singular de nossos interesses no derredor de uma bola. É o que temos a oferecer, matéria passageira entre 90 a 120 metros de comprimento e de 45 a 90 metros de largura, resultando em um formato retangular.

Uma boa leitura a todos.

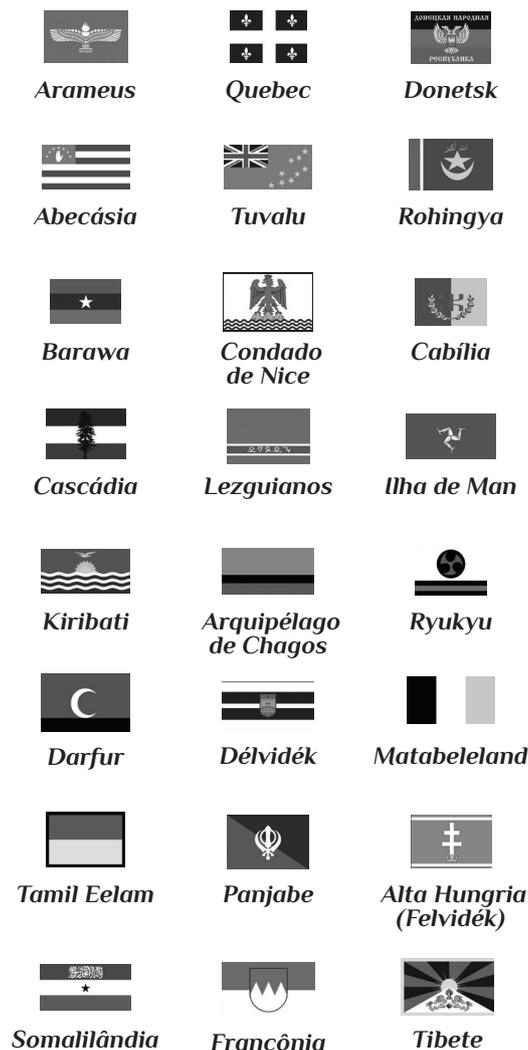


**RelevO edição especial
Copa do Mundo 2018**

jornalrelevo.com

**Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Revisão: Mateus Senna
Projeto Gráfico: Marcell Mengarda
Capa e Infográfico: Bolívar Escobar
Logística: Thaís Alessandra Tavares**

**Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 1.000
Edição finalizada em 11/07/2018**



A OUTRA



COPA

Por Lucas Lupatini



A paixão por futebol é uma doença com vários e diferentes níveis de gravidade. Os casos mais leves se manifestam a cada quatro anos, durante a Copa do Mundo, numa epidemia que contagia boa parte da população mundial. Casos intermediários apresentam seus sintomas mensalmente, entre uma e outra rodada da Série A do Campeonato Brasileiro ou um superclássico. Já os casos graves incluem doses diárias de futebol, de qualquer país e de qualquer divisão. Existe um quarto nível, um degrau acima.

Foi uma enfermidade desse quarto nível que me levou a clicar num link que prometia uma transmissão ao vivo de Chipre do Norte x Transcarpátia no dia nove de junho de dois mil e dezoito, cinco dias antes da abertura oficial da Copa do Mundo da Rússia. Naquele momento de expectativa latente pelo maior evento esportivo de todo o universo, assistir à final da Copa do Mundo da ConIFA – quer lá o que seja isso – me pareceu uma ideia completamente razoável.

Conforme vim a descobrir durante aquela transmissão, a Copa do Mundo da ConIFA (Confederação de Futebol de Associações Independentes) é um torneio pra lá de carismático, realizado a cada dois anos pela organização que representa todo tipo de comunidade não-filiada à FIFA – notadamente dependências, micronações, estados não-reconhecidos, regiões, povos sem estado e quicá um ou outro reino tolkeniano. A competição substitui a Copa do Mundo da VIVA, antiga associação com propósito semelhante. Somando as duas fases, já são oito edições. A maior campeã, com três títulos, é a Padânia, região italiana dos arredores do Vale do Pó.

Além de ser a Eldorado do futebol alternativo, a competição tem um propósito social, como talvez já esteja óbvio a essa altura: permitir que equipes não-reconhecidas pela entidade máxima do futebol atuem como um time em busca de um título de expressão e populariza o futebol em comunidades muitas vezes assoladas pela guerra e pela devastação. Esse peso faz com que a Copa do Mundo da ConIFA seja levada muito a sério por seus participantes, em detrimento de uma aura de galhofa que se poderia pressupor num primeiro momento.

Aliás, gostaria de tirar esse elefante da sala: o futebol praticado não é dos melhores. Com sorte, algum dos times participantes seria campeão da Suburbana, famoso campeonato amador de Curitiba. Para as centenas de pessoas que se amontoam em arquibancadas ao nível do gramado para cada uma das partidas, no entanto, isso não faz a menor diferença. Esse ano, foram usados dez pequenos estádios em quatro cidades diferentes, todas na região da Grande Londres, proporcionando aquele clima amistoso de non-league football que somente a Inglaterra é capaz de reproduzir.

Antes e depois do jogo e no intervalo, a transmissão oficial (ótima, diga-se de passagem, considerando a natureza amadora e sem fins lucrativos do evento) exibe pequenas reportagens mostrando a importância da Copa do Mundo da ConIFA para cada uma das comunidades participantes. Além dos finalistas, alguns dos participantes da edição desse ano foram o País Székely, o Panjabe e Tuvalu, além de seleções mais tradicionais como a da Abecásia.

No caso específico de Matabeleland, região do Zimbábue que sofreu muito com massacres e abusos durante os 37 anos da ditadura Mugabe, a simples participação no torneio é um grito de independência. Sendo o único dos povos em diáspora que efetivamente teve que sair de seu próprio país para comparecer ao torneio, os Ndebele precisaram de uma vaquinha para levar a cabo a logística da viagem até Londres.

As 47 associações filiadas à ConIFA representam hoje 334 milhões de pessoas isoladas que “compartilham a vontade e a alegria de praticar futebol em nível internacional”, segundo a própria entidade. O rol de classificados, composto por seleções vencedoras de torneios continentais, qualificatórias, convites e pelo “país sede” (entre aspas, pois como o evento ocorre em campo neutro, o país sede apenas organiza a competição), visivelmente preza pela inclusão e diversidade de povos, sem grande compromisso com o equilíbrio ou com a própria prática esportiva, como ocorre na Copa do Mundo da FIFA.



Conforme a ConIFA caminha rumo à estabilidade financeira, um dos objetivos da associação é se tornar uma organização humanitária que usa o futebol como ferramenta para auxiliar pessoas em necessidade ao redor do mundo. Vendo o clima de confraternização e tranquilidade que reina durante os jogos – a despeito do dia a dia muitas vezes difícil enfrentado por cada uma das seleções participantes –, não tem como não acreditar que esse não seja o caminho certo.

Os sinos e as lágrimas

Trad. de Sandra Stroparo & Caetano W. Galindo

Na terra onde soa a hora,
Tudo, ah! meu Deus! tudo chora.

O órgão da triste arcada,
O pobre nas orações,
O preso com seus grilhões
E a criança acalantada;

Na terra onde soa a hora,
Tudo, ah! meu Deus! tudo chora.

Chora o sino o sol se pôr
Sobre a igreja amortalhada,
E a carpideira sentada
Que tem a chorar?... O amor.

Na terra onde soa a hora,
Tudo, ah! meu Deus! tudo chora.

Pede aos anjos ocultados
Alívio das noites feras,
Nas celestiais esferas,
Mantém os olhos fixados.

Na terra onde soa a hora,
Tudo, ah! meu Deus! tudo chora.

Ao que o céu há replicado:
“Terra, espera pela hora!
Já disse a tudo que chora,
Que tudo lhe será dado.”

Soa, sino rebrilhante!
Brilha, lágrima abrasante!
Sino triste ao sol se pôr!
Olhos tristes pelo amor!

Les cloches et les larmes

in: *Poésies Inédites*, 1860.

Sur la terre où sonne l’heure,
Tout pleure, ah! mon Dieu! tout pleure.

L’orgue sous le sombre arceau,
Le pauvre offrant sa neuvaine,
Le prisonnier dans sa chaîne
Et l’enfant dans son berceau;

Sur la terre où sonne l’heure,
Tout pleure, ah! mon Dieu! tout pleure.

La cloche pleur le jour
Qui va mourir sur l’église,
Et cette pleureuse assise
Qu’a-t-elle à pleurer?... L’amour.

Sur la terre où sonne l’heure,
Tout pleure, ah! mon Dieu! tout pleure.

Priant les anges cachés
D’assoupir ses nuits funestes,
Voyez, aux sphères célestes,
Ses longs regards attachés.

Sur la terre où sonne l’heure,
Tout pleure, ah! mon Dieu! tout pleure.

Et le ciel a répondu:
“Terre, ô terre, attendez l’heure!
J’ai dit à tout ce qui pleure,
Que tout lui sera rendu.”

Sonnez, cloches ruisselantes!
Ruisselez, larmes brûlantes!
Cloches qui pleurez le jour!
Beaux yeux qui pleurez l’amour!

Originalmente publicado em escamandro.wordpress.comApresentação de
SANDRA STROPARO

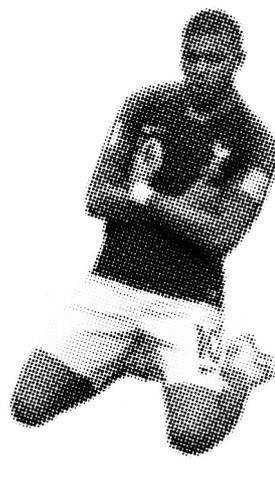
Marceline nasceu no norte da França em 1786 e cresceu em uma família perturbada pela Revolução: seu pai fabricava enfeites e brasões para a Igreja e, claro, ficou sem trabalho; sua mãe, embora tenha morrido cedo, a educou com um mundo de poemas e cantigas populares cujos ecos vão permanecer para sempre em seus versos. No início da adolescência, viveu a grande aventura de sua vida: separada de seu pai, sua mãe a levou à ilha de Guadalupe para tentar a vida perto de um parente. Algum tempo depois, a mãe morreu de febre amarela e a filha sofre para voltar sozinha para a França, para perto do pai.

Aos 16 anos, a vida a empurrou para o trabalho e o teatro a acolheu. Durante anos, viveu como atriz e cantora entre Douai, sua cidade natal, Rouen e Paris, mas as dificuldades por que passava a fizeram procurar outras saídas. Quando descobriu que se ganhava algum dinheiro, ainda que pouco, em publicações de poemas, achou que podia fazer isso. O palco, no entanto, lhe ensinou o dodecassílabo de Racine, que ela dominou e adaptou aos seus temas e que fica especialmente evidente nas suas primeiras elegias.

Temas variados atravessaram sua literatura, mas a natureza bucólica e algo idealizada da infância foi sempre o referencial principal de seus tropos, fonte clara de inspiração, e mesmo metáfora para temas mais delicados de alguma sensualidade e erotismo. Quanto a isso, ela seguiu perfeitamente os ditames e o zeitgeist do primeiro Romantismo.

Embora sempre tenha se mantido religiosa – Deus está bastante presente em sua poesia –, defendia uma religiosidade humanista, menos ligada aos ditames da Igreja e mais sensível ao humano, aos pobres, às mães e seus filhos. Num viés bastante surpreendente para a época, escreveu também muitos poemas em que o engajamento político-social deixa entrever uma aspiração de liberdade anti-governista (mas não falemos de anarquismo), numa voz cansada da política a que assistiu durante sua vida, da Revolução ao Segundo Império francês. Além disso, a defesa de uma incipiente autonomia feminina, num reflexo biográfico claro, foi um dos temas que desenvolveu e que foi levemente considerado como mais um de seus temas “femininos”...

Escreveu muito, sempre. Poesia, romances, contos, novelas, cantigas infantis. Morreu em 1859, aos 73 anos. A crítica sobre sua obra ainda é algo rarefeita na França.

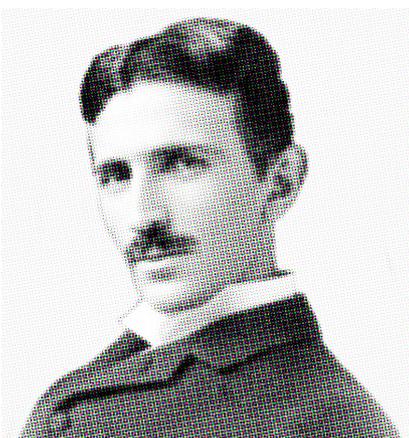


FRAN-
ÇA

Processus Vermiformis

Tradução de Carolina Degrazia e José Eduardo Degrazia

Meu pequeno sol, escaravelho-coração,
lanterna do meu hálito na viscosidade
da treva.
Felizmente, seguro como a semente da esperança num campo de
[restolho,
sustento, na eira.
Estás feliz no vento da Abissínia,
A chuva de amoras tardias chega transgressiva.
Meu pequeno sol, tremeluzente lanterna!
Fico em silêncio para não extinguir a tua luz.
Descoberto pela firmeza eu te escondo, tímido,
na baía recortada, a praia sinuosa
na base de Brač – no ventre da caverna azul.
Eu me derramo na noite em que despertas
com o teu delicado toque e a tua língua de fogo.



CROÁ- CIA

Poema integrante de *O Mar Não Está Mais* (Penalux, 2017)

Apresentação de JOSÉ EDUARDO DEGRAZIA

Drago Štambuk nasceu em 20 de setembro de 1950, em Selca, na ilha de Brač, Croácia. É gastroenterologista e hepatologista com formação na Clínica Médica Central em Zagreb. Entre 1983 e 1994, o autor morou em Londres, onde conduziu pesquisa científica e clínica em doenças do rim e em curas experimentais para a AIDS. De 1991 a 1995, foi nomeado representante diplomático no Reino Unido. Entre 1995 e 2000, serviu como embaixador da Croácia em diversos países, entre eles Índia, Sri Lanka, Egito, Sudão, Jordânia, Kuwait, Líbano, Qatar e Iêmen.

Foi o visitante convidado na Universidade de Harvard entre 2001–2002, e entre 2005–2010 continuou com seus serviços diplomáticos como embaixador da Croácia no Japão e na Coreia do Sul. Em 2011, assumiu a embaixada da Croácia no Brasil. Sua carreira de escritor se expandiu a partir de 1973 e inclui a terceira coleção de poesia em croata, inglês, árabe, espanhol, albanês, francês e japonês, além de ter participado de importantes antologias da poesia croata contemporânea. Foi primeiramente introduzido para os leitores norte-americanos em *Ploughshares*, em 1986. Recebeu inúmeros prêmios literários em seu país, entre eles o importante prêmio Dragutin Tadijanovic, concedido pela Academia de Artes e Ciências da Croácia.

FISK

CENTRO DE ENSINO
3642-3690 3031-7040
R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR

otorto
BAR

Rua Paula Gomes, 354
Curitiba-PR

A COPA DO MUNDO EM 32 LI- VROS



Por Braitner Moreira

EM QUE PASSEPARTOUT SE CONVENCE DE QUE FINALMENTE ENCONTROU O SEU IDEAL

- Uma viagem feita nestas condições é impossível.
- Muito possível, ao contrário.
- Pois então, faça-a!
- A volta ao mundo em 32 livros?
- Sim.
- Adoraria.
- Quando?
- Em seguida.
- É loucura!

EM QUE APARECE NO RIO DE JANEIRO UM NOVO VALOR

A “questão da volta ao mundo” foi comentada, discutida, dissecada. Por fim, a peregrinação teve início em um ponto perto de casa, por intermédio de repórteres que o ataçaram a conhecer o que surgia tão perto dali.

Malas não seriam necessárias para se despedir do Brasil sob o sol do Éden, onde o viajante se abalou ao notar o quanto o Rio havia mudado enquanto ele enfrentava seu sedentarismo mental.

Na saída da Estação Padre Miguel, a fissura que corria solta depois de o tráfico proibir qualquer saquinho na linha do trem. No Jacarezinho, a .40 encarando quem tentava fazer gracinha. Em Arraial do Cabo, os menô sem respeito nem com morador.

Chutando para o bueiro um copo vazio de Guaravita, tentou entender como o Rio de Janeiro dos olhos passara tanto tempo despercebido. Bastaram três intensos dias acompanhado por um menino do Vidigal para recolocá-lo em contato com uma forma de sentir que quase havia perdido para sempre.

— Senhores, parto.

EM QUE PASSEPARTOUT FALA TALVEZ UM POUCO MAIS DO QUE LHE CONVIRIA

O anúncio pegou todos de surpresa. O viajante insistia

que a tecnologia atual permitia uma volta ao mundo por milhares de páginas tão diferentes cumprindo um prazo de 365 dias. Nas margens de um jornal, começou a rabiscar o roteiro pretendido. Quando tomou o primeiro pacote, decidiu-se a enfrentar, inicialmente, as terras conhecidas.

Com seus olhos de velho repousados na América Latina, extraiu em Montevideú lições de um amor indecifrável, mediu em Iquitos o dualismo entre o êxtase e o moralismo, contemplou o futuro no Rio Magdalena.

— Muitas vezes, esquecemos os tesouros que temos por aqui.

Com otimismo de Pangloss, estabeleceu, então, uma regra única em sua romagem: conhecer o novo, apenas. Começou a virar páginas que jamais conseguiria pretender escrever. Esbarrou em histórias esotéricas e investigações policiais se arrastando desde o século passado. Investigou mundos das artes e das mortes. E, a ele, um mês pareceu suficiente para testemunhar cada instante do envelhecimento e dos remorsos de um pequeno núcleo social no país sede da Copa do Mundo.

Reapaixonava-se todos os dias pelo novo que conhecia. Tantas vezes quis ficar, em algumas ensaiou um esforço para tal, mas continuou a partir. O importante era encontrar as histórias — as minhas e as outras — no momento certo, pensou consigo.

EM QUE PASSEPARTOUT PROVA MAIS UMA VEZ QUE A SORTE SORRI AOS AUDACIOSOS

— Estão muito apressados? — perguntou.

— Eu, não. A propósito, preciso comprar cuecas e camisas. Parti sem malas, com uma sacola de viagem apenas.

— Vou levá-lo a um bazar, onde encontrará tudo o que precisar.

— O senhor, respondeu Passepartout, é de tamanha amabilidade.

Conduzido a perspectivas antes desconhecidas, foi entregue ao que estava procurando: fôlego para manter de pé a aposta; restava meio mundo a navegar.

Quando chegava aos novos desconhecidos, tudo era

treva. Cada página passada adiante tinha o poder uma lanterna acesa, desafiando o breu dos mundos alheios. De peito aberto, reuniu-se com o fora-da-lei Ned Kelly, atestou os prós e contras do tráfico de yamba, acompanhou o cortejo de uma noiva e atravessou o Pacífico com 1.033 sul-coreanos que também viajavam. Ele, sem direção, rumo à liberdade; eles, para o México, prontos a se entregarem à escravidão.

Cada fecho de luz revelava histórias inesperadas, prontas a desafiar aquilo que Ocidente e Oriente se habituaram a chamar de revolução — mas de significado nulo para os diretamente afetados.

Quando recolheu-se com ladrões e integrantes da realeza no mesmo barco, finalmente compreendeu a capacidade de um prato de comida ou de uma latrina em nivelar 1.033 seres humanos.

EM QUE FICA PROVADO QUE PASSEPARTOUT NADA GANHOU FAZENDO A VOLTA AO MUNDO, A NÃO SER A FELICIDADE

O mundo não é tão grande quanto eu imaginava, pensou Passepartout, durante o esforço final para chegar a seus últimos portos.

Travessias que pareciam impossíveis no início do empreendimento passaram a ser vistas por ele com mais serenidade, mesmo aquelas desacompanhadas por algum plano. Em cada rumo que tomava, encontrava alguém para lhe dar a mão e mostrar que a viagem não podia parar — a algum lugar era necessário chegar.

Assim, venceu o Golfo Pérsico e o Mediterrâneo, subiu rumo à península escandinava e ali pôs fim ao esforço de milhares de páginas. Para entender minimamente cada indivíduo com quem esbarrou por essas 32 nações, teve de lidar com as barreiras idiomáticas e religiosas, as solidões específicas, os silêncios e as gritarias nas ruas, nas casas, nos peitos. Voltou (voltou?) para a base com somente uma certeza: a de que cada diferença encontrada mundo afora poderia ter se tornado sua identidade caso este acidente geográfico chamado nascimento tivesse lhe afetado com um punhado de quilômetros de diferença.

O QUE LER ANTES DE CATAR-2022

Alemanha

Sidarta, de Hermann Hesse

Arábia Saudita

Cidades de sal, de Abdul Rahman Munif

Argentina

Sobre heróis e tumbas, de Ernesto Sabato

Austrália

A história do bando de Kelly, de Peter Carey

Bélgica

Os escrúpulos de Maigret, de Georges Simenon

Brasil

O sol na cabeça, de Geovani Martins

Colômbia

O general em seu labirinto, de Gabriel García Márquez

Coreia do Sul

Flor negra, de Kim Young-Ha

Costa Rica

Os Peor, de Fernando Contreras Castro

Croácia

Café Europa, de Slavenka Drakulic

Dinamarca

Nada, de Janne Teller

Egito

Miramar, de Naguib Mahfuz

Espanha

Assim começa o mal, de Javier Marías

França

Cândido ou O Otimismo, de Voltaire

Inglaterra

O sentido de um fim, de Julian Barnes

Irã

O alforje, de Bahiyih Nakhjavani

Islândia

O silêncio do túmulo, de Arnaldur Indridason

Japão

O incolor Tsukuru Tazaki e seus anos de peregrinação, de Haruki Murakami

Marrocos

Canção doce, de Leïla Slimani

México

Chão em chamas, de Juan Rulfo

Nigéria

Meio sol amarelo, de Chimamanda Ngozi Adichie

Panamá

Plenilúnio, de Rogelio Sinán

Peru

Pantaleão e as visitadoras, de Mario Vargas Llosa

Polônia

A guerra do futebol, de Ryszard Kapuscinski

Portugal

As intermitências da morte, de José Saramago

Rússia

Anna Kariênina, de Liev Tolstoi

Senegal

A vida em espiral, de Abasse Ndione

Sérvia

A ponte sobre o Drina, de Ivo Andric

Suécia

A Saga de Gösta Berling, de Selma Lagerlöf

Suíça

A arte de viajar, de Alain de Botton

Tunísia

Os odores de Marie Claire, de Habib Selmi

Uruguai

A trégua, de Mario Benedetti

CICLOS DA COPA

Por Lucas Leite

Não de hoje que a humanidade vive em ciclos. Tão cedo o ser humano conseguiu identificar a periodicidade das estações do ano, passou a celebrar festivais da colheita, da Lua e do Sol. Ciclos internos diários controlam o nosso humor e a nossa resposta ao estresse e mensalmente regulam a fertilidade de quem tiver um útero.

Entre os ciclos mais importantes do planeta Terra hoje estão os Ciclos de Copa do Mundo. Como os Ciclos Olímpicos, as eleições presidenciais brasileiras e a QUADRIENAL DE PRAGA, eles acontecem de 4 em 4 anos numa celebração cuja preparação e expectativa são somente comparáveis à ressaca que se segue a ela.

O futebol, indiscutivelmente o maior esporte do mundo, tem sua existência regida por Ciclos de Copa. E tudo o que acontece na vida de um jogador de futebol [ou *profissional do futebol?*] — as peladas da infância, treinos com e sem bola, gols em clássicos, transferências milionárias, títulos nacionais e continentais — tem tão somente uma finalidade: chegar em uma Copa do Mundo e lá jogar os jogos mais importantes de sua vida. Porque o que acontecer nessas partidas é o que será lembrado de sua carreira. Não existe nenhum outro momento em que tantas pessoas estarão assistindo; não existe palco maior.

A Copa do Mundo é, afinal, uma convenção como eram as Exposições Universais, que tomaram corpo no fim do século 19. Numa época em que o Ocidente começava a se industrializar e desenvolver um verdadeiro fetiche pela ideia do progresso, eram organizados eventos em que os países participantes eram convidados a montar seus pavilhões e a expor suas maiores inovações

tecnológicas, seus movimentos artísticos e o que mais fosse representativo da imagem que cada nação queria passar. As Expos — como ficaram conhecidas — eram onde se apresentavam ao mundo (leia-se *ao resto da europa*) invenções que mudariam a sociedade como a conhecemos, como o telefone, a máquina de raio x, a roda gigante, e o quadriciclo-de-pedal.

Com os Mundiais, fica estabelecido o *status quo*, as relações de poder e o jeito comprovadamente correto de jogar futebol, superior a todos os outros — por ao menos quatro anos. Uma conquista de Copa do Mundo serve para consagrar uma geração, uma escola de futebol, um planejamento (ou falta de) e a concepção sobre a forma ideal de se praticar o ludopédio contemporâneo. Torna incontestáveis os grandes nomes do elenco e dá eterno crédito aos que, mesmo longe de brilhantes, fizeram parte da equipe campeã [queria dar um jeito de xingar o Denilson aqui]. Não poderíamos falar de Ronaldinho, Rivaldo e Roberto Carlos da maneira como o fazemos hoje se o Brasil não tivesse vencido a Copa de 2002. Da mesma maneira que, sem a taça de 2006, Buffon, Totti e Pirlo seriam apenas italianos mais bonitos que você. Se a Espanha tivesse perdido a final para a Holanda em 2010, não teria validado o Tiki-Taka e a [escola] de Aragonés que definiram boa parte do que foi convencionado como *futebol moderno* dentro de campo, independente dos inevitáveis cochilos do público. Dormir em Mozart é diferente de dormir em Salieri, ainda mais se Salieri chutar o último pênalti pra fora. Todos esses, ao serem campeões, têm seu legado elevado a um patamar especial.

KIKO'S BAR

Desde 1990 atuando, servindo e animando a noite curitibana

Rua Padre Anchieta, 488
Mercês, Curitiba-PR

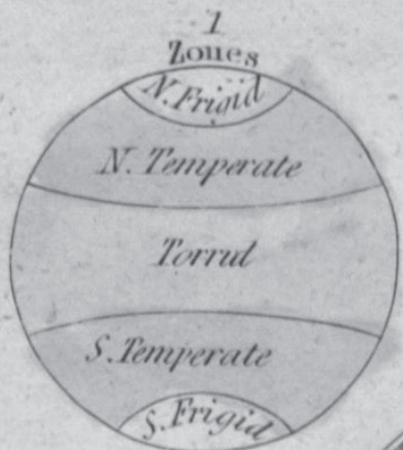


ALLEJO.COM.BR

Panificadora e Confeitaria

Água na Boca

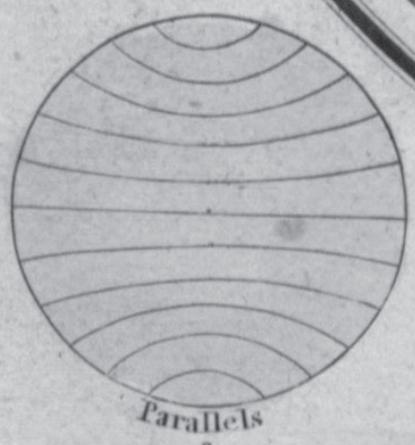
Rua Pedro Drusch, 122,
Centro, Araucária-PR



WESTERN HEMISPHERE

THE W

Comparative view of
of the Easter



Comparative view of the princip

G. Boynton Sc.